



Estátua Equestre de D. Pedro I  
Praça Tiradentes – Rio de Janeiro  
Louis Rochet – 1862

Rio Amazonas  
Rio Madeira  
Rio Paraná  
Rio São Francisco

Datas

1/12/1822  
12/10/1822  
7/9/1822  
13/5/1822  
9/1/1822  
6/11/1817  
17/10/1829  
12/10/1798  
25/3/1824

Há um ótimo caso de cruzamento entre projeto brasileiro, olhar de fora, “alta” e “baixa” cultura. Ele tem como pivô o monumento a D. Pedro I, inaugurado em 1862, no Rio de Janeiro. Seu autor é o francês Louis Rochet, apesar do confuso concurso que premiou o brasileiro Mafra, cujo projeto veiculava certamente uma idéia de Porto-Alegre. A concepção geral, uma estátua eqüestre e figuras de índios representando rios brasileiros, devia ser de Porto-Alegre. A realização do monumento, de fato, coube a Rochet.

O escultor francês vem ao Brasil. Autor de alguns monumentos eqüestres, ele possuía uma característica singular. Era apaixonado por culturas exóticas. Dominava o chinês ao ponto de ter escrito uma gramática dessa língua.

Ao chegar no Brasil, interessa-se por tipos físicos. Modela, por prazer, o busto do escravo que o servia provavelmente a única escultura em bronze de um negro brasileiro em sua época. Quer, para as alegorias dos rios, modelos brasileiros, dos quais realiza uma série de esboços em argila.

Isso era muito novo; um crítico contemporâneo, na França, assinala a originalidade. Chaves Pinheiro, ainda em 1872, estaria modelando seu esplêndido “índio brasileiro simbolizando a nação brasileira”: uma estátua grega vestida de tanga.

O século 19 assistiu ao esvaziamento dos monumentos oficiais, a denúncia de seu caráter fabricado e um pouco impostor. Quando o a estátua de Pedro I, de Rochet é exposta no Salon, em Paris, o caricaturista Cham mostra-se impiedoso. A sua piada, no entanto, vai sobretudo ao tema do monumento e não ao seu aspecto.

No Brasil, mesmo antes de sua chegada, ele provoca violentas reações na oposição ao regime: Pedro Luís denomina-o “a mentira de bronze”. Mas é Ângelo Agostini, gênio formidável da caricatura, que irá retomar muitas vezes a estátua para fustigar Pedro 2º e a monarquia. No entanto, ele respeita a obra de Rochet na sua beleza e na sua força.

Quando faz os personagens despencarem do pedestal, trata-os com delicadeza. E, ao mostrar Pedro 2º cavalgando uma lesma, dispondo seus ministros na base, em lugar dos índios, é o contraste com a fuga romântica do bronze que produz a crítica. Um desenhista anônimo, logo depois da inauguração do monumento, em 1862, chegará a um apogeu surrealista; sobre um rochedo pontudo, um pedestal de tijolos em forma de pirâmide se equilibra; sobre o pedestal, um pangaré escolheia.

Em cima do cavalo, é a vez de Pedro 2º, com uma castanha de caju no lugar da cabeça (era o mote de vários desenhistas representar as feições do imperador desse jeito), equilibrar-se, trazendo, na mão direita, sua análise da Confederação dos Tamoios, e na esquerda, um cacho de bananas.

O monumento de Rochet foi além do esperado. Não se conformou com as convenções do gênero. Inovou, desprezando as alegorias impessoais, buscando tipos humanos que encontrava aqui. Afirmou-se com força, alimentou o debate político, provocou invenção de imagens e inseriu-se, de modo muito complexo, dentro dos sonhos e pesadelos da nossa cultura.

Jorge Coli